

A VÊNIA DO INCIVILIZADO: ANÁLISE CRÍTICA AO QUADRINHOS “BOMVENTO NO BRASIL”

THE COURTESY OF THE UNCIVILIZED: A CRITICAL ANALYSIS OF “BOMVENTO NO BRASIL”



André Saraiva Santos¹

Resumo

José Ruy durante vários anos criou quadrinhos alusivos ao passado do povo português. Assegurava aos leitores que o conteúdo não era apenas fruto da fantasia e do gosto pela arte, mas sim produtos de análise histórica feita com rigor. Em Bomvento no Brasil surgem “índios” que não demonstram estranheza perante as caravelas, mulheres disponíveis, um chefe pouco perspicaz, tribos sem nome que se matam e se devoram sem motivo. A tudo isto assistem os Portugueses, incondicionalmente neutros mesmo quando atacados, prontos a construir uma irmandade inter-racial, não havendo escravidão, escambo, ou tampouco violência. Apesar de Gilberto Freyre nunca ser mencionado ou sequer referenciado na bibliografia de apoio à obra, a sua teoria luso-tropicalista informa o enredo de início ao fim. Este estudo, recorrendo às práticas metodológicas dos Estudos Culturais, analisará as fontes selecionadas para construir a sua versão histórica, questionará o papel atribuído aos povos indígenas na construção de um relato celebrativo do passado da nação portuguesa, bem como reflexionará a apologia à invasão das terras indígenas movida por Ruy. Mais ainda, avaliará as opções estéticas do artista na representação dos personagens e o recurso a técnicas dos quadrinhos que visam orientar o(a) leitor(a).

Palavras-chave: luso-tropicalismo; povos indígenas; quadrinhos.

Abstract

For several years, José Ruy created comics alluding to the past of the Portuguese people. He assured his readers that their content was not merely pure fantasy or a wish to entertain people with visual art, but the product of rigorous historical analysis. In Bomvento no Brasil, "indians" appear and show no signs of surprise at the caravels, available women are discovered, an intellectually limited chief rules, nameless tribes fight, kill and devour each other for no reason. The Portuguese contemplate this scenario, unconditionally neutral even when attacked, available for miscegenation and to work on an interracial brotherhood based on disinterested affection, where slavery, barter or violence are not to be recalled. Although Gilberto Freyre is never mentioned or referenced in the

¹ Doutor em Estudos Culturais pela Universidade de Aveiro, Portugal. E-mail: andressantos@ua.pt.



bibliography supporting *Bomvento no Brasil*, his luso-tropicalist theory informs the plot from start to finish. This article, using methodological practices of Cultural Studies, will analyze the sources selected to construct Ruy's historical version, will question the role attributed to indigenous peoples in the construction of a celebratory account of the Portuguese nation's past, and reflect on Ruy's apology for the invasion of indigenous lands. It will also evaluate the artist's aesthetic choices in the representation of the characters and his use of comic book techniques to guide the reader.

Keywords: luso-tropicalism; indigenous peoples; comics.

Com um pé na história e outro na ficção?

José Ruy foi um autor português de quadrinhos, que dedicou grande parte do seu tempo a representar o passado de Portugal, dando especial ênfase à temática da exploração marítima, bem como às figuras marcantes desse período². Atualmente, ainda é considerado o autor português de quadrinhos com o maior número de álbuns publicados, além de ser um dos artistas do país que recebeu maior atenção no estrangeiro, dada a quantidade de traduções feitas das suas produções em cantonês, francês, inglês e espanhol. A série *Bomvento* é a mais extensa em número de volumes³, e a sinopse escrita na contracapa para introduzir este tipo de aventuras é a seguinte: “Vamos regressar ao tempo histórico em que gerações sucessivas de portugueses marinheiros e navegadores devassaram oceanos e levaram a Civilização e a Cultura da Europa e do Ocidente às quatro partes do Mundo”⁴. Este resumo que acompanha a série de Ruy, em que navegadores são caracterizados como meros transportadores de algum bem inestimável que os povos das outras partes do globo careciam, transmite a inocente benevolência do empreendimento, ao mesmo tempo que obscurece os danos e as transformações nocivas para as restantes sociedades e respetivas culturas. Este tipo de abordagem encontra ressonância na teoria luso-tropicalista desenvolvida pelo investigador brasileiro Gilberto Freyre⁵, que executou um

² DEUS, António. **Os Comics em Portugal**. Lisboa: Cotovia e Bedeteca de Lisboa, 1997. p.194.

³ DEUS, António. 1997. p.313.

⁴ RUY, José. **Bomvento no Brasil**. Rio Tinto: Edições Asa, 1991.

⁵ Como dizia Freyre: “o Português se antecipou a outros povos, tidos por mais metódicos e glorificados como mais sistemáticos nas suas práticas de colonização, a introduzir com notável previdência e espírito de segurança em áreas tropicais, como se cumprisse com amor, e não apenas por interesse, a missão de ligar através de obras imortais de base ou de raiz a Europa ao Trópico”. FREYRE, Gilberto. **O Luso e o Trópico**. Lisboa: Comissão Executiva das Comemorações do Quinto Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1961, p.59.



trabalho teórico erudito, embora inconsciente da encenação preparada pelo Estado Novo aquando da sua visita ao Império Português⁶. De qualquer forma, esse imaginário que dissertou, pouco condizente com as realidades enfrentadas no terreno pelos colonizados, foi sim conscientemente acomodado à ideologia do regime salazarista⁷, e ainda hoje persiste nas mais variadas vertentes da sociedade portuguesa, inclusive em materiais escolares⁸.

Ruy assumiu a tarefa de representar um dos primeiros contactos entre tripulações portuguesas e as “Terras do Pau Brasil”. Terras de quem? Do pau brasil. Pretendeu informar os seus leitores que esta sua obra para além de tentar transformar esta experiência de leitura e contemplação numa atividade de entretenimento, era, também ela, revestida de teor didático. Depois de consultas bibliográficas, Ruy listou suas conclusões na primeira página intitulado-as de “dados com verdade histórica incluídas na obra”, deixando transparecer que factos históricos iriam servir de suporte ao trabalho artístico, permitindo aos leitores interiorizarem conhecimentos que seriam importantes para a compreensão da história nacional e dos outros povos. Ruy ainda chegou a garantir que, embora tenha criado personagens fruto da sua criatividade, “a

⁶ O novo livro de Maria do Carmo Piçarra, aclara a forma como o itinerário de Freyre pela Índia Portuguesa foi cuidadosamente preparado, tendo inclusive a intervenção da PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado), para que o investigador tivesse as melhores impressões possíveis do processo de colonização levado a cabo pelos portugueses junto dos nativos. Na contribuição da autora pode ler-se que: “tão dirigido e controlado foi o itinerário que, à medida que Freyre se deslocava de um ponto a outro, a diplomacia portuguesa e o Ministro Ultramarino enviavam orientações sobre como proceder com o ilustre visitante, desde o cuidado na escolha das pessoas que deveriam acompanhá-lo, passando pela secção dos locais nos quais se hospedaria, chegando até à programação das conferências”. PIÇARRA, Maria. **Vento Leste: «Luso-Orientalismo(s)» nos Filmes da Ditadura**. Lisboa: Tinta da China, 2023, p. 34.

⁷ ALMEIDA, Miguel Vale. “Crioulização e Fantasmagoria”. **Anuário Antropológico**. v.30, n.1, p.33-49, 2005, p. 38.

⁸ NETO, Sérgio; SERRANO, Clara. “Identidade e Alteridade: imagens e representações nos materiais didáticos de História nos países de língua portuguesa”. **Práticas da História**. n.17, p.7-15, 2023, p.9. A título de exemplo, pode-se mencionar um livro de História e Geografia de Portugal do 5º ano de escolaridade, onde se podem ler trechos como: “Na África Negra e no Brasil viviam povos muito atrasados. O estabelecimento de feitorias na costa de África foi facilitado pela fraqueza ou medo dos povos locais; no Brasil, os ameríndios (índios) eram pacíficos e de convivência fácil, desde que se respeitasse a sua maneira de viver. Na África Negra e no Brasil, os Portugueses uniram-se a mulheres indígenas, dando origem aos mulatos (...) e aos mamelucos (...) A esta mistura de povos dá-se o nome de miscigenação”. BARREIRA, Aníbal; BOTELHO, Elisabete; MOREIRA, Mendes; COSTA, Teresa. **Rumos 5: História e Geografia de Portugal**. Edições ASA, 2016, p.177. Este foi, aliás, um tema discutido por Cristina Roldão num artigo para o jornal *Público* em 8 de Junho de 2023.



imaginação e a arte obedecem à época histórica, cuja reconstituição é feita com rigor”⁹.

Sem embargo, algumas afirmações que são tecidas como tendo estatuto de “verdade histórica” chegam a transmitir informações erradas. Uma das certezas que Ruy apontou foi a de que “Duarte Pacheco Pereira escreve no seu *Esmeraldo de Situ Orbis*, ter alcançado uma terra a ocidente, antes de Pedro Álvares Cabral. Afirma mesmo que, em 1495, já os portugueses tinham chegado ao Brasil”¹⁰. E, contudo, Pacheco Pereira não podia ir tão longe ao ponto de desinformar o monarca para quem escrevia – D. Manuel coroado em 1495 - e que apoiava os empreendimentos marítimos. “[N]o terceiro anno de vosso Reynado do hano de nosso senhor de mil quatrocentos noventa & oito donde NOS vossa alteza mandou descobrir há parte ocidental passando alem há grandeza do mar ociano”¹¹.

A História nunca estará escrita e terminada, nem os seus eventos recolhidos e as narrativas vertidas pelo esforço intelectual sacralizadas como “verdades” intocáveis. Pelo contrário, a História estará sempre sob constante análise e em irremediável reconstrução¹². Como frisou Marinho Santos, Pacheco Pereira nesta passagem não indica que lhe coube dita missão. A utilização de “nos” - complemento indireto com valor de coletivo¹³ - em vez de “eu/mim” por parte de alguém que era cuidadoso a preservar o “dever de memória”¹⁴, volta a perturbar as certezas que se construíram à sua volta como “descobridor pré-cabralino do Brasil”.

Ruy continua: “No Diário de Navegação de Pêro Lopes de Sousa, se refere que este navegador, ao ter chegado a Pernambuco antes de 1492, já ali foi

⁹ RUY, José. 1991, p.3.

¹⁰ RUY, José. 1991, p.2.

¹¹ PEREIRA, Duarte. "Principio do Primeyro Liuro & particular de claraçam dalguns ciuculos supiores & assento da terra". In BASTO, Raphael (ed.). **Esmeraldo de Situ Orbis**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1892a, p.7.

¹² PICKERING, Michael. “Engaging with History”. In PICKERING, Michael (ed.). **Research Methods for Cultural Studies**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2008, p. 209.

¹³ SANTOS, João. “Duarte Pacheco Pereira Descobridor do Brasil? Uma Outra Leitura do ‘Esmeraldo de Situ Orbis’”. **Revista Portuguesa de História**, v.50, p.265-272, 2019, p. 269.

¹⁴ “não é crível que Duarte Pacheco obliterasse o seu próprio nome como capitão de uma presumível viagem em 1498 à ‘Quarta Parte’ do mundo, que incluía o Brasil”. SANTOS, João. 2019, p. 270.



encontrar portugueses a viver”¹⁵. Não existe tal registo quando este chega ao Brasil em 1531¹⁶. Encontrou um homem na *Bahia de todos Santos* “que havia vinte e dous anos que estava nesta terra”, ou seja, em 1509¹⁷. Deu-se ainda o encontro com um bacharel que “havia trinta annos que estava degradado nesta terra” na zona da Ilha da Cananea¹⁸, portanto, muito perto da data em que Cabral tinha chegado ao Brasil.

Com base nestes recortes precipitados e imprecisos que Ruy iniciou a sua versão heroico-aventureira, onde o protagonista Porto Bomvento participa nessa expedição com Pacheco Pereira rumo ao ocidente. A introdução à aventura dá-se com o não menos problemático marco temporal: “No ano da graça de 1494 o piloto Porto Bomvento navega até às terras do Pau Brasil”¹⁹. O que significa que esta aventura acontece antes da coroação de D. Manuel, e, assim, o tratamento de dados cronológicos acaba por criar mais confusões do que relações de verosimilhança com as suas fontes.

Os personagens que realizam esta viagem transatlântica numa embarcação portuguesa são todos eles brancos e portugueses. Ruy achou oportuno elaborar o primeiro quadrinho aludindo a Cabo Verde como porto de escala e que ficou para trás há alguns dias atrás. Definir a forma como inaugurar determinada estória é uma escolha que historiadores e escritores de narrativas ficcionais precisam de fazer. Que Ruy tenha escolhido Cabo Verde como um motivo transaccional, expondo-o apenas como parte de um roteiro marítimo, sem lhe atribuir qualquer outra importância, faz parte de uma decisão de como organizar acontecimentos colocando-os de uma maneira discernível.

Outros itinerários seriam possíveis e poderiam explicar como é que aquela viagem havia sido financiada e para a qual Cabo Verde muito contribuiu como um dos maiores entrepostos do comércio de escravos. Era a partir da morte social

¹⁵ RUY, José. 1991, p.2.

¹⁶ SOUSA, Pêro. **Diario da Navegação da Armada que foi à Terra do Brasil**. VARNHAGEN, Francisco (ed.) Lisboa: Typographia Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, 1839, p.3.

¹⁷ SOUSA, Pêro, 1839, p.17.

¹⁸ SOUSA, Pêro, 1839, p.29.

¹⁹ RUY, José., 1991, p.4.



de imensos seres humanos de África que se faziam fortunas²⁰, de tal ordem que era muito difícil encontrar uma embarcação ibérica de viagens em alto mar sem os seus escravos, que seriam usados como mandava a necessidade ou o lucro²¹. Empregá-los nas manobras náuticas devido à falta de pessoal era bastante comum num país com magra população e com elevadas taxas de mortalidade provocadas pelas aventuras expansionistas²².

Nestas engrenagens de Ruy, salientam-se quais episódios e que personagens das várias histórias dos imensos povos envolvidos nestas viagens atlânticas devem ser reconhecidos ou esquecidos. Pode-se dizer que é impossível para um(a) pesquisador(a) abranger todos os fenómenos que decorreram numa certa época, todas as vicissitudes que produziram esses contactos entre seres humanos. Porém, recalcar o passado em prol da imunidade nacional e neutralizar traumatismos conferidos à alteridade é rejeitar o envolvimento com as outras histórias, onde os outros continuarão a ser figurantes dos nossos esquemas. Nunca falamos com eles, falamos por eles, para nós mesmos. Parece ter sido isso que levou Davi Kopenawa a dizer: “Dormem muito, mas só sonham consigo mesmos”²³.

Em *Bomvento no Brasil*, desconhece-se qualquer contribuição ou até participação não-europeia, lembrando-se somente nomes dos capitães e cartógrafos genoveses, florentinos e portugueses ou de monarcas católicos que colaboraram nestes empreendimentos. E, frequentemente, seguidos de um elogio. Outros nomes indissociáveis do expansionismo marítimo, como Bartolomeu Marchionni, Tommaso Portinari, Antoniotto Usodimare ou os Cambini que eram financiadores desses empreendimentos não foram elegidos para a narrativa de Ruy. Contudo, não fossem os seus capitais, as explorações marítimas não se fariam. Os seus negócios dependiam do escravismo²⁴, bem como os do Infante D. Henrique²⁵, mas este último, ligado à família real, teria

²⁰ CALDEIRA, António. “Da costa ocidental africana a Lisboa: o comércio de escravos nos séculos XV e XVI”. **Rossio: Revista de Estudos de Lisboa**, v. 7, p. 63-79, 2016, p. 63.

²¹ GOMES, Laurentino. **Escravidão**. Porto: Porto Editora, 2021, p. 86-87.

²² GOMES, Laurentino. 2021, p. 91-92, 147-150.

²³ KOPENAWA, Davi; ALBERTO, Bruce. **A queda do céu**. PERRONE-MOISÉS, Beatriz (trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p.390.

²⁴ GOMES, Laurentino. 2021, p. 88-89.

²⁵ CALDEIRA, António. 2016, p. 63.



cronistas, biógrafos, historiadores e até o próprio Ruy do seu lado²⁶, para redigir uma narrativa respeitável, vinculada ao cognome *O Navegador*, mesmo que, até à data, não se lhe conheçam quaisquer qualidades nesse ramo²⁷.

Ruy oferece um espaço privilegiado ao sujeito branco-europeu, destacando qualidades físicas e morais em contraposição com os demais. A indústria dos quadrinhos está repleta deste tipo de exemplos onde se cristalizam identidades, nacionalidades, etnias a certos tipos de essencialismos. Relembre-se o fracasso de Sam Wilson com a roupagem de *Captain America*²⁸, ou existência demasiado curta do apache *Thunderbird* em *X-Men*²⁹. Este estado de coisas surge perante o mercado consumidor, não porque os quadrinhos sejam pensados, elaborados e lidos num vazio, mas sim altamente afetados pelos meios culturais onde cada autor(a) se insere. Como tal, e como acontece em todas as produções culturais, “os quadrinhos estão ligados aos materiais que metabolizam do mundo e pelo poder do cérebro de efetuar o metabolismo e fazer produzir um novo produto (artefacto, ação, pensamento)”³⁰.

A bagagem cultural de cada indivíduo vai determinar a forma como descodifica o conteúdo expresso pelo autor e este processo pode resultar em experiências antagónicas. Como mencionou Wysocki, “quando escritores e leitores têm quadros de referência suficientemente semelhantes, esta transferência de significado pode ser plena, mas quando escritores e leitores têm quadros de referência diferentes, há eventualmente falhas na comunicação”³¹. Em

²⁶ RUY, José. **A Casa e o Infante**. Rio Tinto: Edições Asa, 1996.

²⁷ GOMES, Laurentino. 2021, p. 74-75.

²⁸ OYOLA, Osvaldo. “Marked for Failure: Whiteness, Innocence and Power in Defining Captain America”. In: GUYNES, Sean; LUND, Martin (ed.). **Unstable Masks**. Columbus: Ohio State University Press. p.19-37, 2020.

²⁹ CARNES, Jeremy. “The Original Enchantment”: Whiteness, Indigeneity, and Representational Logics in The New Mutants. In: GUYNES, Sean; LUND, Martin (ed.). **Unstable Masks**. Columbus: Ohio State University Press, p.57-71, 2020.

³⁰ “comic books are only bound by the materials they metabolize from the world and by the power of the brain to effect metabolism and make it yield a new product (artifact, action, thought)”. ALDAMA, Frederick. “Unmasking Whiteness: Re-Spacing the Speculative in Superhero Comics”. In: GUYNES, Sean; LUND, Martin (ed.). **Unstable Masks**. Columbus: Ohio State University Press. p. xi-xvi, 2020, p.xv.

³¹ “when writers and readers have sufficiently similar frames of reference this transfer of meaning can be seamless, but when writers and readers have different frames of reference there is potential for miscommunication”. WYSOCKI, Lydia. “Hate, Marginalization, and Tramp-Bashing”. In: GIDDENS, Thomas (ed.). **Critical Directions in Comics Studies**. Jackson: University Press of Mississippi, p.134-155, 2020, p.149.



várias obras de *Bomvento*, Ruy reproduz dogmas do Luso-Tropicalismo, e para quem não adere a essa visão do colonialismo português os atritos na descodificação dos conteúdos são frequentes.

Regressando ao livro em si, as caravelas com tripulações inteiramente brancas³², atravessam o Atlântico. E, neste instante, pode mencionar-se um aspeto técnico que é frequentemente encontrado nos *layouts* de Ruy³³: obstáculos às convenções de leitura existentes em quadrinhos entre públicos ditos ocidentais. Como foi recordado por Scott McCloud, se a alocação dos quadrinhos na(s) página(s) não respeitar(em) uma ordem que privilegia uma leitura intuitiva dos mesmos³⁴, isso faz com que os leitores “saltem para fora do mundo da estória”³⁵. Ruy opta por dar primazia ao conteúdo imagético, em detrimento da estrutura que preenche a página e, portanto, a solução que encontrou foi recorrer ao uso de setas vermelhas que apontam para o quadrinho que o(a) leitor(a) se deve direcionar. Contudo, o inconveniente dessa decisão é que essa utilização não é esporádica, mas sim recorrente, o que faz com que se crie uma relação de dependência do leitor com as setas e que, eventualmente, dá azo a desorientações quando estas se ausentam.

³² Em obras que Ruy consultou, os próprios portugueses de quinhentos não se inibiam de constatar a existência de escravos nas caravelas e Ruy procurou evitá-los. SOUSA, Pêro. 1839, p.17-18,20,29.

³³ Ou seja, como mencionado por Randy Duncan e Matthew Smith, as relações existentes entre um quadrinho com todos os outros presentes na totalidade da página. DUNCAN, Randy; SMITH Matthew. **The Power of Comics**. New York: Continuum, 2009, p. 139.

³⁴ Isto é, da esquerda para a direita, de cima para baixo. Para exemplo ver EISNER, Will. **Quadrinhos e Arte Sequencial** (BORGES, Luís (trad.)). São Paulo: Martins Fontes, 1989, p.41.

³⁵ McCLOUD, Scott. **Hacer Cómics** (GARCÍA, Santiago (trad.)). Bilbao: Astiberri, 2018, p.33.



Imagem 1 - Layou³⁶



Fonte: José Ruy, *Bonvento no Brasil*, Edições ASA, 1991, p.9

A grelha visível na Imagem 1 em que os portugueses enfrentam a tempestade em alto mar é particularmente sintomática. Não obstante, o argumento de Ruy avança, com os seus heróis vencendo os perigos do mar com os seus saberes de tradição hermética europeia - nenhuma referência aos avanços tecnológicos herdados dos muçulmanos ou da bússola chinesa- e, amparados pela intervenção divina de Nossa Senhora dos Aflitos, vislumbram terra firme sem feridos ou mortos a lamentar³⁷. Desvaloriza-se a viagem de Cristóvão Colombo que “trouxe” alguns índios que não falavam a língua da Índia das Especiarias³⁸, e

³⁶ Nesta página é visível o uso das setas vermelhas e como a sua ausência numa das transições afeta o percurso intuitivo de leitura.

³⁷ Para dificuldades sofridas em viagens longo curso que faziam decrescer catastróficamente os números das tripulações ver: PEREIRA, Rafael. **Caravelas de Saberes**. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018, p.61-74.

³⁸ “Trazer” para denominar a escravização de mais de 400 nativos e o perecimento de metade dessa carga humana quando chegou ao litoral espanhol é uma opção discursiva que envolve violência epistémica. GOMES, Laurentino. 2021, p. 88-89.



glorifica-se Bartolomeu Dias que “já aqui [costa brasileira] esteve, trazido por bom vento!”. Fomos avisados que esta obra seria desenvolvida com rigor histórico e Ruy explora aqui uma possibilidade que nenhum historiador se sentiria confortável em considerar. Constata-se que nunca estivemos numa conceção contemplativa da história, mas interventiva, dando-lhe inclusive aspiração pessoal. A preocupação parece sim estar no estabelecimento de argumentos para a legitimação do processo colonizador das novas terras, tentando aludir ao caráter pacífico e assimilacionista dos contactos iniciais entre nativos e portugueses. A sua estratégia narrativa teve subjacentes duas operações que lhe permitiram desenvolver uma estrutura discursiva e atribuir papéis a cada personagem.

A primeira está relacionada com a representação que incide sobre os nativos, que como Jodi Byrd frisou, os transforma em “índios”³⁹, criaturas com perceções inocentes quanto às intenções dos Europeus, de organizações sociais primitivas e hábitos selvagens, que dado o seu estado de atraso não têm por que resistir à chegada de agentes bem-intencionados de uma civilização que apenas lhes aporta benefícios. Os indígenas são colocados num código de conduta que visa a disponibilidade, uma predisposição para a assimilação da “raça” exógena, convertendo-os num grupo colonizável, ou como Byrd referiu em *homo nullius*⁴⁰.

A segunda assenta no conceito de “possessive logics” proveniente da reflexão de Moreton-Robinson⁴¹, em que visões e discursos hegemónicos da branquitude fomentam modos de racionalização que legitimam a tomada de posse, o domínio das terras dos indígenas por uma “raça” ou civilização considerada superior, fazendo com que esses processos sejam percecionados como normais/naturais e parte do senso comum. Em *Bomvento no Brasil*, a terra que está por encontrar pelos portugueses já é sua mesmo antes de a encontrarem. Ainda na caravela, Bomvento diz: “Enquanto não estiver definido por novo tratado, que parte do mundo irá pertencer a Portugal e à Espanha, não convém divulgar o que se descobrir”. Típica racionalização de *Terra Nullius*, como se os tratados que atribuíram partes do globo aos soberanos católicos fossem presentes

³⁹ BYRD, Jodi. **Transit of Empire: Indigenous Critiques of Colonialism**, Minneapolis: University of Minnesota Press, 2011, p.xiii&xx.

⁴⁰ BYRD, Jodi. 2011, p.xxi.

⁴¹ MORETON-ROBINSON, Aileen. **The White Possessive**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2015, p.xii.



caídos do céu, e não acordos pensados e discutidos por certos indivíduos com poder, para legitimar invasões e anexação de territórios de outros povos que não foram convocados para a mesa de negociações. Para dar o aval a tudo isto estava o representante do céu dos crentes católicos, o Papa, com as suas sucessivas bulas⁴², mas esse também é um fragmento histórico que não mereceu inclusão nos conhecimentos que se devem reter do expansionismo ibérico e do *Mare Clausum*.

A tribo chamada Xingu

Enquanto explorava a costa, a caravela de Bomvento depara-se com indígenas a pescar em almadias e, para surpresa dos portugueses, estes não manifestam estranheza ou espanto. Aproximam-se “mostrando-se pacíficos” e “simpáticos” oferecendo pescado e os lusos mostram-lhes um colar com a cruz de Cristo e presenteiam um barrete vermelho⁴³. “Contentes, guardam os presentes” e retiram-se.

É um cenário onde percebemos aceitação recíproca e Ruy faz uso de uma das justificativas da expansão marítima portuguesa, como sendo do interesse material e das trocas mutuamente benéficas, que daí resultariam entendimentos com os nativos e a indisputável permissibilidade para a construção de feitorias, com vista a proteger as rotas mercantis da pirataria. São ideias que foram repetidas neste⁴⁴, e noutros livros da coleção^{45,46}. Também faz parte dessa mesma apologia não explicar o que acontecia quando os nativos não acediam às expectativas portuguesas⁴⁷.

Depois de provarem a sua capacidade para sobreviver através do abate à paulada da “passarada” que sobrevoava a caravela (nenhuma referência aos

⁴² MILLER, Robert; D'ANGELIS, Micheline. “Brazil, Indigenous People and the International Law of Discovery”. *Brooklyn Journal of International Law*. v.37, n.1, p. 1-61, 2011, p. 14

⁴³ Estes episódios foram recuperados do *Diário*. SOUSA, Pêro. 1839, p. 41&48.

⁴⁴ Bomvento olhando para um mapa ressalta a necessidade de, após se progredir nas costas em direção à Índia e alcançando nova terra, “seria bom tomá-la e nela fundar uma feitoria para garantir a segurança das rotas”. Num diálogo com Batávias, volta a mencioná-las explicando a razão: “Daí a necessidade de fortificar as costas no percurso das rotas (...) precisamos evitar os assaltos”. RUY, José. 1991, p. 6-7.

⁴⁵ RUY, José. **Bomvento no Castelo da Mina**. Rio Tinto: Edições Asa, 1988, p.26-27.

⁴⁶ RUY, José. **História de Macau**. Rio Tinto: Edições Asa, 1989, p. 6-7

⁴⁷ GOMES, Laurentino. 2021, p. 76-79, 166-176



animais domesticados que seguiam nas caravelas e registados também por Vaz Caminha), e de em terra firme terem superado os desafios da selva, enfrentando uma onça⁴⁸, os nativos vão ao encontro dos portugueses. Em três painéis justapostos colocados na parte inferior da página, Ruy resolve de forma bastante rápida aquilo que seria um encontro oficial. No primeiro quadrinho, a aproximação dos indígenas numa almadia, no segundo quadrinho a genuflexão de um líder indígena perante um herói português sentado num tronco e, no terceiro quadrinho, recorre-se a uma panorâmica aérea (*bird's-eye view*) onde se vislumbram as almadias indígenas transportando os portugueses por um rio e uma caravela no seu encaço. Todo este ritmo precipitado de leitura é detido no último quadrinho que guarda a página, onde se revela a preocupação dos portugueses por aquela gente estar armada e o último balão proveniente do interior da caravela fecha a cena em tom alarmante: “Tenham cuidado amigos!”⁴⁹. Esta é uma técnica utilizada por muitos artistas de quadrinhos para provocar o leitor⁵⁰. Como declarou Will Eisner, como praticamente não existe um mecanismo de controlo nos quadrinhos que impeça a apreciação integral das suas páginas ou que force o leitor para o primeiro quadrinho no topo da página da esquerda, apenas “o virar das páginas força mecanicamente um certo controle”⁵¹. Ruy pretendeu criar um momento de suspense para o leitor(a), deixando-o(a) na incerteza a respeito das intenções (hipoteticamente maliciosas) dos indígenas. Virada a página, desfaz-se o cenário intrigante, com a chegada dos portugueses à aldeia *sem-nome*. O espanto com o encontro do Outro continua do lado dos portugueses. Ruy apresenta-nos uma relação de prévia familiaridade fazendo uso de dois lançados portugueses (Ataíde e Aníbal) que já se encontravam a viver naquela tribo⁵². Ruy, fantasiando com os limites da história, apresenta uma relação de continuidade entre povos tão distantes, ao mesmo tempo que se esquivava da responsabilidade de refletir sobre as impressões indígenas em relação

⁴⁸ Novamente cenários que se encontram no *Diário*. SOUSA, Pêro. 1839, p. 44-45.

⁴⁹ RUY, José. 1991, p.23.

⁵⁰ McCLOUD, Scott. **Reinventing Comics**. New York: Harper Collins, 2000, p.221.

⁵¹ EISNER, Will. 1989, p.40.

⁵² “Lançados” era o nome, tal como explicou Miguel Vale de Almeida, daqueles tripulantes que eram deixados em terra junto das populações nativas, de forma a familiarizarem-se com os hábitos locais, bem como a sua língua. ALMEIDA, Miguel Vale. 2005, p. 35.



aos portugueses⁵³. Nada se precisa saber das origens nem do passado destes “índios”, a sua língua, ou as relações com os outros povos vizinhos. Ruy em sintonia com múltiplas obras de arte que retrataram a “descoberta da América” espelha o despertar destas gentes “sem história” aquando da intromissão do sujeito europeu que os resgatará e os inventará para a sua história como puder⁵⁴.

Ficaremos a saber que Ataíde e Aníbal desembarcaram em 1493 e a única explicação oferecida para terem sido incorporados àquela tribo é: “os índios esconderam-nos”⁵⁵. Ataíde e a sua “índia” *sem-nome* conceberam um menino que tem o patronímico português: “É meu filho, chama-se Ataíde Ereti. Entre os índios é costume o pai dar um nome ao filho, e a mãe dar outro. Ele fica com os dois nomes, mas o principal é o escolhido pelo pai”. Bomvento entusiasma-se com o sistema patrilinear isso leva-o a desejar ficar (embora que momentaneamente) naquela terra, pois elas desempenham funções que se enquadram nas aspirações masculinas: coletam lenha, pescam, trazem água, cozinham, fazem fogo, aquecem a noite e banham-se. Ataíde, numa posição de promotor das “índias”, aponta com a mão para a almadia na qual se debruça uma delas mostrando as suas nádegas redondas. Posteriormente, com a mesma linguagem gestual, oferecerá aos seus compatriotas os prazeres do *voyeurismo*, desta vez no rio onde as “nossas índias” se banham nuas.

Porém, não deixa de ser curioso que os adereços de uma visível indianidade pública convivam harmoniosamente com símbolos e normas que competem com a identidade nativa. Ao contrário dos indígenas que não cobrem os seus órgãos sexuais, os pioneiros usam tanga e um fio com uma cruz de Cristo ao peito.

⁵³ Nesta abordagem eurocêntrica, não haverá explicações para o que levou certos indígenas a nomearem os brancos de *itseke*, a compará-los com os jaburus, ou o motivo para a palavra “branco” ter significado de inimigo em várias línguas indígenas. MEHINAKU, Mutua. **Tetsualü: pluralismo de línguas e pessoas no Alto Xingu**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010, p. 149-151/ KOPENAWA, Davi; ALBERTO, Bruce. 2015, p.13.

⁵⁴ RABASA, José. **De la invención de América**. MAZZUCHELLI, Aldo (trad.). Ciudad de Mexico: Universidad Iberoamericana, 2009, p. 41-47.

⁵⁵ Segundo Cunha, o termo “índio” só foi empregue em meados do século XVI. CUNHA, Manuela. “Imagens de Índios do Brasil: o século XVI”. **Estudos Avançados**, v.4, n.10, p. 91-110, 1990, p. 94.



Como frisou Barbour sobre personagens brancos que vestem a pele de indígenas em quadrinhos, a indianidade é preservada em “sinais visuais e objetos materiais” enquanto a identidade indígena é dispensada⁵⁶. Este caráter híbrido destes portugueses será instrumental para os colocar como mediadores das tradições daquela tribo. Serão, os portugueses que doravante criarão explicações do modo de proceder dos “índios”, deixando os próprios indígenas apartados do processo dialógico.

A entrada na “Casa do Conselho da Tribo” permite aos lusos informarem o Chefe Tanapú sobre o objetivo da viagem transatlântica: comerciar. Como convidados não brindariam os seus anfitriões com a cortesia de os informar sobre a existência de planos para reclamar as suas terras, que ficariam expressos num tratado a assinar na Europa. E essas intenções haviam sido manifestadas por Bomvento momentos antes de avistar o areal brasileiro. Contudo, estes indígenas, bem mais despreocupados dos que os de *Os Brasileiros* de André Toral ou de *New World* de David Vignolli, não têm suspeitas sobre as intenções dos “irmãos de raça” de Ataíde e Aníbal que atravessaram um oceano apenas com intenção de veniagar. Tal demonstração de inteligência parece ser imprópria para estes seres inocentes e Ruy volta ao seu *detour* habitual quando o que está em causa são atos de despossessão ou subjugação de outros povos para a concretização da expansão colonial ibérica. Mas não só se oferece nesta narrativa o engodo de meros agentes de comércio, como também se indicará a impossibilidade de realizar comércio entre ambas as partes.

Os “índios” hospitaleiros não têm mais do que a sua simpatia para oferecer, não havendo nada na aldeia que desperte o interesse aquisitivo dos portugueses. Depois de ter desconsiderado a escravidão, Ruy demonstra que os indígenas são incapazes de extrair, produzir ou transformar matérias-primas e a terra está desaproveitada. Além disso, o acolhimento na aldeia é subitamente perçecionado como uma detenção pelos portugueses, que em conversa com Ataíde e Aníbal, interpretam a hospitalidade de Tanapú como uma ameaça à sua liberdade: “Será que nos vão reter aqui como fizeram com vocês?”. Estes pioneiros “ambientados”

⁵⁶ BARBOUR, Chad. **From Daniel Boone to Captain America**. Jackson: University Press of Mississippi, 2016, p. 10.



à tribo, ao invés de esclarecerem o convite feito pelo chefe, agravam a conspiração e animam uma possível subversão contra os “índios” opressores⁵⁷. Mesmo que não se visualizem objetos indutivos de uma suposta detenção (cordas, jaulas, faixas) criou-se este ambiente de desconfiança em que, através da transição entre sarjetas⁵⁸, se pretende entreter uma situação de apuros para a minoria branca. Ademais, dão-se conta através de Ataíde de que os indígenas não se regem por leis, e que a “Natureza representa a vida para o índio”.

Esta tribo, ainda *sem nome*, irá ser atacada por outra tribo que nome não tem, por motivo rigorosamente nenhum. Espetáculo de carniçaria a que os portugueses acodem entusiasmadamente, já que podem assistir à “refrega de perto!”. Enquanto assistiam ao conflito, Bomvento é atingido por uma flecha envenenada⁵⁹, o que leva Batávias a agarrar numa besta e querer participar nas confrontações. E é prontamente serenado por Duarte Pacheco que relembra a importância de se manterem “neutros”⁶⁰. Homens civilizados que só pretendem comerciar não se envolvem em assuntos internos de outros povos, mesmo que sejam ofendidos.

Tanapú vence a batalha e revela finalmente o mistério identitário que envolvia a sua tribo. “Xingu*! Xingu! Vencemos!”. O asterisco (*) remete para uma nota de Ruy onde se esclarece que Xingu é o “nome da tribo”. Desde o início, fez questão de assegurar os leitores que “[a]s descrições dos usos e costumes dos índios da tribo Xingu são verdadeiras, bem como os combates com as tribos rivais”⁶¹.

Levantam-se duas questões importantes. Primeiramente, o tratamento de matérias culturais e históricas complexas daquela região. Não foi devidamente

⁵⁷ À pergunta de se iriam ficar retidos na tribo, Ataíde responde: “É possível, mas por enquanto não convém fazer ondas”. E Aníbal diz: “Pelo menos agora já somos cinco. Poderemos tomar uma atitude”.

⁵⁸ Esse espaço entre os quadrinhos habitado pelo mistério onde a imaginação do leitor é convocada a transformar uma sequência de imagens separadas numa ideia, como referido por McCLOUD, Scott. **Understanding Comics**. New York: Harper Collins. 1994, p.66

⁵⁹ Este procedimento em tais projéteis era desconhecido entre grupos tupi-guarani. FERNANDES, Florestan. “A função social da guerra na sociedade tupinambá” **Revista do Museu Paulista**. São Paulo: Nova Série. p. 7-425, 1952, p.27.

⁶⁰ Em *Bomvento no Castelo da Mina* vislumbra-se o mesmo comportamento sereno por parte dos portugueses quando são agredidos. RUY, José. 1988, p.31-32.

⁶¹ RUY, José. 1991, p.2.



investigado se o Xingu era um rio ou uma tribo, se as comunidades que habitavam esse lugar pertenciam a grupos etnolinguísticos diferentes ou se tinham costumes divergentes. Antes, como hoje, os membros dessas comunidades sentem os efeitos desse tratamento indiscriminado⁶². Essa é uma herança do legado colonial que construiu esses blocos identitários dentro de uma pigmentocracia, onde lidar com a diferença se fazia do topo para baixo, dos colonizadores para o resto⁶³.

Em segundo lugar, o que as “verdades históricas” recolhidas por Ruy nos parecem dizer é que a soberania territorial dos vários povos que habitavam o Brasil é irrelevante, pois as suas guerras não tinham propósito. Aos portugueses coube a função de espectadores da barbárie, desmemorizando quaisquer responsabilidades nas tensões entre os nativos, independentemente de autores consultados por Ruy para os “dados com verdade histórica” as denunciarem⁶⁴. Há assim uma explícita exclusão de factos que distorcem a interpretação das relações primordiais.

Depois de se apreciar a filantropia inter-racial presente em *Bomvento no Brasil* dificilmente se poderia equacionar que os portugueses tiveram algo que ver com esses inconvenientes episódios que afetaram os *unpeople* deste planeta⁶⁵. E como um dos públicos a que se dirige Ruy é o infante-juvenil, as implicações são ainda mais graves, dada a simplificação e inocência com que retratou o expansionismo português pelo mundo. Das caravelas não desembarcaram só os portugueses. Dentro desses espaços pouco salubres, vinha uma “junção de biotas”⁶⁶, as espécies invasoras da flora europeia que mudariam o ecossistema da América⁶⁷, bem como os “organismos prestáveis”, cavalos, espécies bovinas, bovídeos, leporídeos, fasianídeos, suídeos e os seus “parasitas assistentes”⁶⁸.

⁶² “É importante observar (...) Brancos falam de povos xinguanos, nos identificam a partir do nome da região, uma identidade geográfica cultural (...) [mas] como vimos, a língua e o nome do povo distinguem e separam, entre nós”. MEHINAKU, Mutua. 2010, p. 74.

⁶³ LIPSCHUTZ, Alejandro. **El problema racial en la conquista de América**. Santiago de Chile: Editorial Andres Bello, 1967, p. 291-299.

⁶⁴ SANTOS, Sílvio. **Índios e Brancos no Sul do Brasil: a dramática experiência dos Xokleng**. Florianópolis: Edeme, 1973, p. 40-41.

⁶⁵ CHOMSKY, Noam; VLTCHEK, Andre. **On Western Terrorism**. London: Pluto Press, 2017, p. 4

⁶⁶ CROSBY, Alfred. **Ecological Imperialism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004 p.270&281.

⁶⁷ CROSBY, Alfred. 2004, p.49, 288-289.

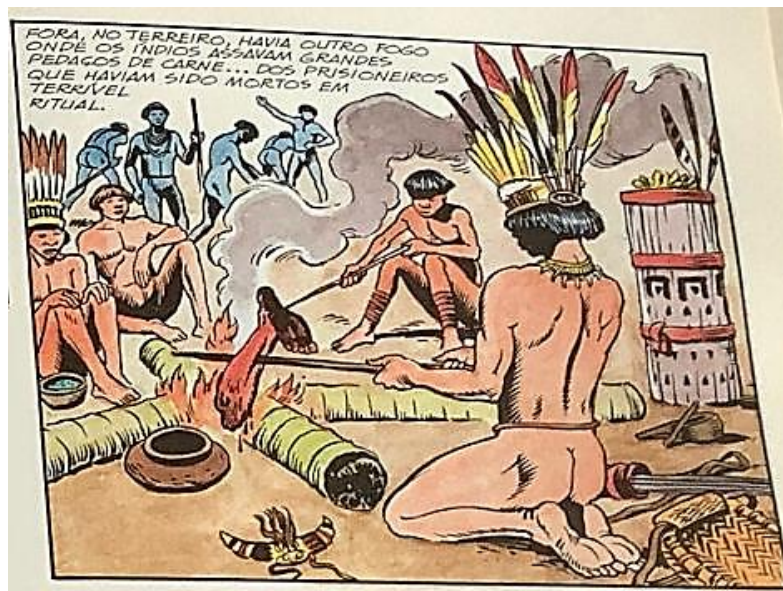
⁶⁸ CROSBY, Alfred. 2004, p.142.



Quando desembarcaram, hospedaram-se em outros seres vulneráveis, biologicamente não familiarizados com certos organismos patogênicos⁶⁹. A capacidade reprodutiva das populações indígenas foi arrasada pelas doenças venéreas que lhes foram transmitidas⁷⁰. Esses grandes reservatórios de múltiplos vírus provenientes da Europa e de África não fazem parte das caravelas de Ruy. Como disse Laurentino Gomes, “na época da chegada de Cabral, [havia] entre 3 milhões a 4 milhões de indígenas no Brasil (...) três séculos depois (...) estavam reduzidos a cerca de 700 mil, aproximadamente 20% do seu contingente original”⁷¹.

Todavia, neste enredo de Ruy foram os “índios” que se mataram e que se comeram a eles próprios. Relata o narrador, depois de Tanapú ter aprisionado guerreiros inimigos: “No terreiro da aldeia, os prisioneiros foram amarrados e iniciou-se um cerimonial macabro. (...) os índios assavam grandes pedaços de carne...dos prisioneiros que haviam sido mortos em terrível ritual”.

Imagem 2 – “Terrível ritual”



Fonte: José Ruy, *Bomvento no Brasil*, Edições ASA, 1991, p.29

⁶⁹ CROSBY, Alfred. 2004, p.197-198.

⁷⁰ Como se veio a verificar mais tarde, Cabo Verde – lugar de referência inicial desta aventura – era um lugar propício para tais fenômenos. CROSBY, Alfred. 2004, p.214-215.

⁷¹ GOMES, Laurentino. 2021, p. 99-100.



Reaproveitou o pânico moral que, durante séculos, escandalizou o público europeu, e delimitou os espaços de ação entre civilizados e bárbaros. A escolha do canibalismo como marco diferencial entre certos personagens revela a propensão de Ruy em dar credibilidade às interpretações dos colonizadores como também de executar uma filtragem parcial dos relatos de viagens disponíveis⁷².

As ocasiões de ingestão de carne humana por indígenas foram recolhidas e explicadas por europeus que, influenciados pelos sistemas de crença, pelos seus sentidos falíveis, pelas suas opiniões, produziram certa versão dos acontecimentos. Assim, percebe-se que o que se transpôs para o papel não foi a realidade inequívoca dos indígenas⁷³. O que temos é, portanto, um discurso do que queriam demonstrar em determinado momento com um propósito definido. Por conseguinte, a receção desses relatos provocou uma diversidade de interpretações que são comuns à historiografia. Daqui se publicaram materiais para todos os gostos: do grotesco⁷⁴, ao da crítica da própria sociedade europeia^{75,76}, passando por rumores⁷⁷, a rumações mitológicas da cultura europeia, como também factos. Do rol de alternativas disponíveis, para que lado se inclinou o pêndulo de Ruy?

O quadrinho que o autor desenhou para retratar a cerimónia de execução que antecede o banquete canibal demonstra a genuflexão dos derrotados, com as suas mãos presas a uma estaca. Inclina suas cabeças em direção ao solo em submissão, não se atrevendo a olhar para o vencedor espelhando um sentimento

⁷² JÁUREGUI, Carlos. **Canibalia**. Madrid: Iberoamericana, 2008, p.29

⁷³ Como notou Jáuregui, essas experiências que provocaram choques entre europeus e indígenas produziram não um “descobrimto de um Novo Mundo” senão uma constatação do que se conhecia previamente, ou seja, intersecções com os mitos e conhecimentos herdados da cultura europeia. Por isso, se relacionavam aquelas terras do Continente Americano com o Cataio, o Cipango, os monstros com cabeça de cão e com um só olho que deram azo ao Canibal -soldados do Grão-Cã que comiam gente inimiga - de Colombo, um leitor devoto de Marco Polo. JÁUREGUI, Carlos. 2008, p.49-53.

⁷⁴ Por exemplo, Theodore de Bry recapturou a América baseando-se em Hans Staden.

⁷⁵ Como Montaigne que aproveitou para condenar comparativamente as agonias dos suplícios na Europa em prol da religião. MONTAIGNE, Michel. “Dos Canibais” **Ensaios**. (MILLIET, Sérgio, trad.). São Paulo: Nova Cultural, p. 192-203, 1580 [2000], p. 199.

⁷⁶ Léry também reflexionou na mesma linha de Montaigne. LÉRY, Jean. **Viagem à Terra do Brasil**. (MILLIET, Sérgio (trad.)). Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1578 [1961], p.161-162,214-215.

⁷⁷ Jagueri revelou que até las Casas se apercebeu que as notícias relacionadas com canibais incidiam mais sobre as regiões onde a resistência ao encontro colonial era mais intensa. Inca Garcilaso de la Vega em *La Florida* denunciou igualmente o falso canibalismo. JÁUREGUI, Carlos. 2008, p.19&21.



de profundo embaraço. É um ambiente carregado que é concretizado com o golpe fatal do carrasco. Em seguida, representou os índios guerreiros sentados no chão, à volta de uma fogueira, a assarem uma perna humana no espeto, um cenário semelhante ao da obra de Jan van der Straet, *América*. Mas concretizadas estas aproximações no plano estético, ao contrário do que aconteceu com outras práticas indígenas descritas nesta obra, Ruy decidiu não dar explicações sobre este ritual aos leitores⁷⁸.

Se Ruy se debruçasse sobre os estudos académicos que procuraram entender (e não apenas excitar o inusitado) os mais diversos fenómenos culturais dos indígenas, haveria a hipótese de desconstruir esse canibal proveniente de um, "estereótipo colonial; [que] fixa ou significa o Outro; [que] produz a *diferença* e também o terror do reconhecimento; nele coexistem o repúdio e a afirmação do Outro"⁷⁹. Sabemos que Ruy leu relatos trágico-marítimos. Neles constata-se o canibalismo dos portugueses em viagens difíceis, e que foi, todavia, desconsiderado pelo autor⁸⁰. Portanto, a questão não é se uns ou outros consumiam ou não carne humana, mas sim em que circunstâncias o faziam. Entre tripulações desesperadas exterminavam-se prioritariamente os coisificados para garantir a sobrevivência dos que pertenciam à parte superior da hierarquia^{81,82}. Bastava cumprir com um princípio primitivo e que não produzia orgulho nem no devorador - e, portanto, censurado e omitido em muitos testemunhos por cristãos devotos que viam o canibalismo como um dos maiores pecados⁸³ - como certamente não produzia no devorado.

⁷⁸ Noutra obra, negros comem brancos "como se fossem vitelos ou tenros leitões". RUY, José. 1988, p.44.

⁷⁹ "estereotipo colonial; [que] fija o significa al Otro; [que] produce la diferencia y también el terror del reconocimiento en ella; en él coexisten el repudio y la afirmación del Otro" JÁUREGUI, Carlos. 2008, p.28.

⁸⁰ Para a obra *Bomvento na Austrália*, Ruy apropriou-se de relatos da *Historia Tragico-Marítima*, mesmo tendo esses acontecimentos ocorrido em África. Nesse livro também se registaram casos de canibalismo dos portugueses com seus cafres, mas esses cenários não mereceram ser divulgados por Ruy. Ver PINTO, Bento. "Naufragio da Nao S. Bento" p.41-168 & ANÓNIMO. "Naufragio do Galeão Grande S. João". p. 5-38. In BRITO, Bernardo. **Historia Tragico-Marítima**. Lisboa: Oficina da Congregação do Oratorio. 1735, p.31-36,122-123,135.

⁸¹ DALMADA, Francisco. **Tratado do Svcesso que teve a Nao S. Joam Baptista**. Lisboa: Pedro Craesbec Impressor. 1625, p.31-32,44-45.

⁸² PINTO, Bento. 1735, p. 122-123,135.

⁸³ PEREIRA, Rafael. 2018, p.79.



Torna-se difícil a tarefa de entender a que coletivo indígena se refere Ruy quando identifica os seus “índios da tribo Xingu”, contudo poderemos usar o caso dos Tupinambás como referência, já que Ruy usa um termo linguístico tupi (abordado no capítulo seguinte) conhecido por esse povo. De acordo com as versões apresentadas por antropólogos e historiadores que estudaram a antropofagia entre os tupinambás, existe um consenso que estes praticavam antropofagia como parte de uma convenção bélica. O pajé, líder espiritual, era o responsável por definir o momento das incursões no território adversário que se faziam após suas mediações com o divino e de previsão de um desfecho favorável na confrontação⁸⁴. Quando depois da batalha se apoderavam de cativos, isso não significava a entrada numa abjeta escravidão, nem sequer de morte certa e devoração do corpo à chegada ao terreiro da tribo⁸⁵, como fez crer Ruy. A cerimônia de execução poderia tardar meses ou anos e, enquanto isso, o cativo passava por um processo de assimilação à comunidade detentora⁸⁶.

A execução dos cativos envolvia não só toda a comunidade, como também se convidavam aldeias vizinhas⁸⁷. Aliados e inimigos juntavam-se num processo de construção de memórias, onde se tornava público nos diálogos entre algoz e vítima os fundamentos para a aniquilação e a manifestação do consentimento, como do desejo de que a sua morte fosse vingada pelos guerreiros da sua comunidade de origem⁸⁸. Ser executado por um guerreiro hábil no campo de batalha e que tivesse construído a sua fama na quantidade de inimigos que matou era considerada uma morte honrada, já que se acreditava que as habilidades do inimigo seriam transferidas após a ingestão do condenado. O guerreiro era assim uma acumulação de valências de outros guerreiros.

O cativo não era, portanto, alguém desprezível. Era um condenado do qual o valor a extrair viria no pós-morte, princípios completamente antagônicos à luz

⁸⁴ FERNANDES, Florestan. 1952, p.70, 75-78

⁸⁵ MÉTRAUX, Alfred. **A Religião dos Tupinambás e as suas Relações com a das demais Tribos Tupi-Guaranis** (PINTO, Estêvão (trad.)). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1979, p.123

⁸⁶ FERNANDES, Florestan. 1952, p.68-89.

⁸⁷ MÉTRAUX, Alfred. 1979, p.124.

⁸⁸ FAUSTO, Carlos. “Fragmentos de História e Cultura Tupinambá: da etnologia como instrumento crítico de conhecimento etno-histórico”. In CUNHA, Manuela. **História dos Índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras. p. 381-396. 1998, p. 392.



da instituição escravista⁸⁹. Assim, os tupinambás não guerreavam para acrescentar mais um item ao seu menu ou por algum impulso de sobrevivência por falta de gêneros. Guerreavam para vingar os seus⁹⁰, deixar memória de si aos vivos⁹¹, adquirir habilidades do inimigo, fama, terra fértil⁹², porque o pajé ditava, e pelo desejo de alcançar a terra-sem-mal, parte do mito fundador do seu povo⁹³. Comia-se o adversário para reviver uma narrativa sagrada.

A maioria dos europeus de então poderia considerar isso “terrível”⁹⁴, mas o julgamento não nos veio de nenhum personagem de *Bomvento no Brasil*, mas sim do próprio Ruy que usou o seu poder narrativo para classificar um ritual de desprezível e representar os indígenas vencidos como seres deprimidos por uma cultura irracional.

Terras de quem? Do pau brasil

Ruy reduziu a diversidade étnica e optou pela homogeneização de todas as comunidades indígenas envolvendo-as num termo genérico – “índio” ou “xinguano” – e as tradições descritas não abrangem apenas a região do Xingu, mas estendem-se da Amazônia até ao Río de la Plata. Poder-se-ia presumir que Ruy estaria numa tentativa de retratar os Kamayurá, falantes de um idioma do tronco linguístico tupi-guarani, através de uma inferência à crença em Mavutsinin⁹⁵, e pelos traços físicos dos personagens desenhados. Porém, qualquer esforço de aproximação torna-se impossível quando Ataíde, providencia a informação de que “o bari ou pagé” sacrificava tapires ao “Deus Maeréboe”. Estamos perante um aldeamento em que fora da cabana se agradece a Mavutsinin, herói cultural dos Kamayurá, pela vitória na batalha e, dentro da choupana, se invoca a “Maeréboe” - embora que de forma imprecisa⁹⁶ - entidade

⁸⁹ MONTEIRO, John. “O Escravo Índio, Esse Desconhecido”. In GRUPIONI, Luís. **Índios no Brasil**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1994, p.105-120, p.105.

⁹⁰ FERNANDES, Florestan. 1952, p.50-51.

⁹¹ FAUSTO, Carlos. 1998 p. 392.

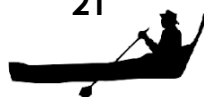
⁹² FERNANDES, Florestan. 1952, p.54-62.

⁹³ FERNANDES, Florestan. 1952, p.64-65.

⁹⁴ VASCONCELLOS, Simão. **Chronica da Companhia de Jesu do Estado do Brasil**. Lisboa: Panorama. 1865, p.99.

⁹⁵ Os Kalapalo conhecem o herói cultural Mavutsinin por Kuantun. AGOSTINHO, Pedro. **Mitos e outras narrativas Kamayurá**. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 15.

⁹⁶ A forma correta seria Maeréboe-dóge Etú-o. ISAAC, Paulo; BAKOROKARW, Benedito. "Religião, Educação Tradicional Boé-Bororo e Educação Escolar Indígena - Análise a partir do Método de Transparência". **História Revista**, v.26, n.2, p. 300-321. 2021, p. 314



da crença de outro povo: os Boé-Bororo⁹⁷. Essa frase “o bari ou pagé”, sendo o primeiro um termo da língua Boé-Bororo do tronco linguístico macro-jê e o segundo do tupi-guarani juntada a uma explicação da origem do fogo alicerçada no mito de Kanassa, parte integrante da religião dos Kuikuro, mas não dos Kamayurá^{98,99} revelam a estranha incoerência deste personagem criado por Ruy que consegue desvendar conhecimentos não de uma, mas de várias comunidades indígenas ao mesmo tempo. E como sabemos, Ataíde nunca saiu da tribo de Tanapú.

Outra situação peculiar da representação indígena é-nos apresentada quando Bomvento, depois de ser curado pelo xamã e pela filha de Tanapú, é convocado para uma assembleia tribal. Nela, Tanapú agradece a Bomvento por se ter sacrificado na batalha contra os rivais e seria considerado “irmão de sangue” da sua tribo. Nenhum esclarecimento é dado a Tanapú de que os lusos não intervieram e Bomvento de forma introspectiva questiona-se: “Como convencê-los que somos neutros? Nem com bom vento...”. Somos levados a crer que a ambiguidade, quando favorece, é preferível a qualquer esclarecimento quando do outro lado está um indígena, alguém que por mais elementar que seja o raciocínio perceberá tudo à sua maneira, ou seja, ao contrário do que se lhe diga. Ruy através destas técnicas de encenação seguiu um já conhecido itinerário de representação do Outro inferiorizado, que assenta na produção de “binários de civilização/primitivismo, liberdade/encarceramento, justiça/criminalidade e inteligência/ignorância definidos em termos de diferença racial”¹⁰⁰.

Como referido anteriormente, o acolhimento na tribo foi percebido como uma detenção e essa impressão sairia reforçada, desta vez oriunda do desejo feminino. Não só Tanapú ficou com a convicção (tonta) que os portugueses o tinham ajudado na batalha, como também a sua filha Aritana se afeioou,

⁹⁷ OLIVEIRA, Eloir. **O Jorubo e o Meriri Ikureu Oiagodu Rogu**. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016, p. 38, 98-99.

⁹⁸ AGOSTINHO, Pedro. 2009, p. 52-54.

⁹⁹ MINDLIN, Betty. “O fogo e as chamas dos mitos”. **Estudos Avançados**, v.16, n.44, p. 149-169. 2002, p.156.

¹⁰⁰ “binaries of civilization/primitivism, freedom/incarceration, justice/criminality, and intelligence/ignorance defined in terms of racial difference”. BERLATSKY, Eric; DAGBOVIE-MULLINS, Sika. “The Whiteness of the Whale and the Darkness of the Dinosaur”. In GUYNES, Sean ; LUND, Martin. (eds.). **Unstable Masks**. Columbus: Ohio State University Press, p.38-56, 2020, p. 39.



inexplicavelmente, ao protagonista ferido Bomvento, dando-lhe um *pariko* querendo-o para “marido”. A escolha de Ruy por um acessório plumário característico dos Boé-Bororo não assenta em qualquer entendimento das regras matrimoniais dessa comunidade¹⁰¹, mas sim um preceito para Ataíde revelar que “Bomvento foi apanhado”. Como se aquela ainda não-consumada união fosse mais uma amarração, proveniente de um processo de gradual enclausuramento na tribo.

Ataíde informa Bomvento que é melhor ele aceder à participação em provas que demonstrarão que é digno da “conquista” de Aritana. Diz-nos Ruy que “inadvertidamente Bomvento tinha-se envolvido numa perigosa aventura”, levando-o a adotar uma tanga como a de Ataíde. Seguem-se duelos corporais com um guerreiro a quem Bomvento chamou de “irmão índio” (uma interpelação algo ambiciosa, especialmente quando então se duvidava que os indígenas pertencessem à Humanidade)¹⁰², uma “prova da chuva” e provas com arco. Aprendendo instantaneamente aquilo que os nativos levavam anos a aperfeiçoar¹⁰³, as provas físicas acabariam por fazer dele “quase um xinguanu”, ou disso parece convencido Pacheco Pereira, apesar de Bomvento comparecer junto de si já vestido com bragas europeias.

Bomvento irá demonstrar que a sua tolerância para com as tradições indígenas tem limites e a aculturação é um desvio impossível. O corte das juntas dos dedos por cada familiar morto (uma confusão com povos de outras latitudes)¹⁰⁴, a perfuração do lábio inferior, das narinas e das orelhas a jovens

¹⁰¹ NOVAES, Sylvia. **Mulheres Homens e Heróis**. São Paulo: FFLCH/USP, 1986, p. 173-194.

¹⁰² “chegarão a ter pera si muitos d’aquelles primeiros povoadores, (...) que os Indios da America não erão (...) indivíduos da verdadeira espécie humana”. VASCONCELLOS, Simão. 1865, p.94.

¹⁰³ A propósito da apropriação de personagens brancos dos conhecimentos de outras culturas, Brown referiu que é repetidamente demonstrado na cultura popular que os brancos são naturalmente melhores e, portanto, capazes de desempenhar com mestria as tradições simplistas de outras culturas. BROWN, Jeffrey. "The Dark Knight: Whiteness, Appropriation, Colonization, and Batman in the New 52 Era". In GUYNES, Sean; LUND, Martin (eds.). **Unstable Masks**. Columbus: Ohio State University Press, p. 242–257, 2020, p.248

¹⁰⁴ Ruy baseou-se no relato de Pêro Lopes que entrou em contacto com povos da zona do Río de la Plata para abordar costumes do Xingu. SOUSA, Pêro, 1839, p.50&55. Estudos apontam para um encontro de Pêro com os exterminados Chaná-timbu. POLITIS, Gustavo. "Las implicaciones arqueológicas del Diario de Pero Lopes de Sousa (1531) durante su viaje al Río de la Plata y al Delta Inferior del rio Paraná". **Revista Del Museo de Antropología**, v.7, n.2, p. 317–326, 2014, p. 320-325.



rapazes¹⁰⁵, mereceram a exteriorização de repulsa: “Livra!” e “Nem me fale nisso”. Ruy encontrou motivos suficientes para colocar Bomvento a rotular aquela terra e sua gente de “estranhas”. Mas o inverso não aconteceu e nunca se visualizou manifestação de igual estranheza pelos indígenas em relação aos costumes dos portugueses.

O ponto de rutura de Bomvento para com esta fase “going native”¹⁰⁶, dar-se-á após um ritual a que Ruy apelidou de “prova Camucim da Constância” que brota de uma ficção (*Ubirajara* de José de Alencar) e que recorda o ritual *waumat* da tribo amazônica Sateré-Mawé¹⁰⁷. Somos novamente projetados para fora do Xingu na busca de referenciais culturais para uma tribo xingua. No entanto, ao contrário de Jurandyr que enfrentaria pela sua amada Aracy (também filha de um chefe, Itaquê) “não só a todos os guerreiros das nações, como todas as nações das florestas”¹⁰⁸, Bomvento, incapaz de aguentar a dor, destrói o camucim à frente de Aritana e foge em direção à floresta gritando: “Ao Diabo o casamento com a filha do Chefe! Isto é um disparate, não aguento mais!”.

Onde era suposto encontrar alguém que lhe provasse ser de confiança, paciente, estoico para com as adversidades tal como acontece em *Ubirajara*, terá de ser Aritana a procurar o seu prometido; após uma conversa persuasiva (na verdade, uma conveniente mentira) em que Ataíde lhe diz que Bomvento “não fugiu (...) ele abalou só por causa da dor”, Aritana ciceroniza os portugueses pelo mato, usando os seus pressentimentos para os assegurar que “o meu noivo passou por aqui”, enquanto Bomvento, escondido no mato, vai lançando pragas aos índios e às suas feitiçarias que embruxaram tudo. O reencontro entre os dois resulta sentimentalmente estéril, servindo mais para os portugueses se

¹⁰⁵ A explicação que Ataíde fornece do ritual: “aquele jovem chegou à idade de lhe furarem as orelhas para o uso dos brincos; e atravessam-lhes as narinas e os lábio inferior para o uso de enfeites”. “Chegar à idade para “usar enfeites” não oferece uma explicação compreensível do seu valor estético para os Boé-Bororo, mas também de outras comunidades: Ver VIERTLER, Renate. “A Formação da Sociedade Bororo: Mitologia e Considerações Etno-Históricas”. **Revista de Antropologia**, v.29, p. 1–38, 1986.

¹⁰⁶ Como Barbour mencionou não é mais do que uma performance superficial, que provém frequentemente de fontes não nativas, com pouco interesse por uma correspondência com aspetos históricos ou tradições de povos concretos. BARBOUR, Chad. 2016 p. 9.

¹⁰⁷ Alencar baseou-se num artigo do padre João Daniel de 1841 onde descrevia locais, povos e animais do Rio Amazonas. RAMOS, Ivana. **Ubirajara: Ficção e Fricções Alencarianas**. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006, p.83.

¹⁰⁸ ALENCAR, José. **Ubirajara**. Rio de Janeiro: B.L. Garnier, 1874, p.108.



reagruparem. Aritana foi instrumentalizada para o alcance de um objetivo perentório: conseguirem livrar-se da selvática miscelânea tribal e voltarem a Portugal.

Tanapú foi facilmente convencido pelo “irmão estrangeiro” Batávias a organizar um duelo. Batávias anteviu que para se livrarem dos “índios” teriam de entreter o seu líder, impressioná-lo com uma demonstração de superioridade, incutir-lhe um desejo pelo objeto superior e, finalmente, presenteá-lo. Conseguiriam assim satisfazer o instinto básico do nobre selvagem pelo materialismo. Parece ser exatamente essa a característica comum a todos os selvagens de Ruy, que deixam de oferecer resistência ou de dar problemas logo que se satisfaz o seu desejo pelos materiais atraentes da Europa, mesmo que isso implique a perda de uma parte da sua terra¹⁰⁹. Toda esta previsão esquemática como nos vem habituando Ruy, não tem que ser partilhada com Tanapú, mantendo-o na ignorância a respeito das condições resultantes de uma vitória ou de uma derrota desse duelo marcial.

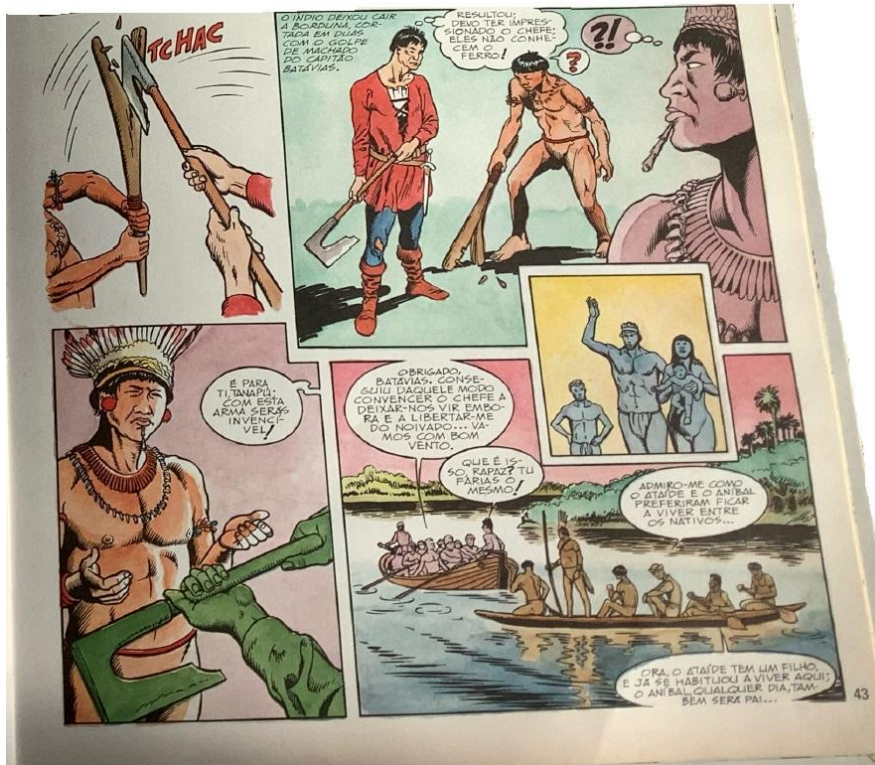
Batávias apenas com um golpe do seu machado, despedaçaria a borduna do guerreiro indígena e sairia vitorioso. Tanapú, visivelmente chocado, é apresentado com a arma de Batávias que lhe assegura que com este machado seria “invencível!”. Isto é, até que regressassem com canhões e espingardas, mas também esta inoportuna advertência ficaria fora do enredo nostálgico que se tentou fabricar para um público português do não-beligerante, civilizador e desejado colonialismo lusitano. Não será uma interessante coincidência que Ruy não tenha sequer mencionado as armas de fogo portáteis ou o chumbo – “o melhor remédio” para o índio¹¹⁰- neste livro?

Imagem 3 – A “arma invencível”

¹⁰⁹ RUY, José. 1988, p.32-34.

¹¹⁰ SANTOS, Sílvio. 1973, p. 98.





Fonte: José Ruy, *Bomvento no Brasil*, Edições ASA, 1991, p.43

O último contacto com os indígenas é-nos oferecido de forma apressada, recordando-se apenas os desenlaces vitoriosos, assim como as qualidades dos pioneiros, que ficam para trás nesse esforço difícil, mas necessário, de domesticar os Trópicos¹¹¹. Bomvento agradece a Batávias por ter convencido Tanapú a livrá-lo do noivado e a libertá-los. Aproveita-se para admirar os pioneiros que ficaram para trás a viver na tribo. E Pacheco finaliza, justificando a permanência: “Ora Ataíde tem um filho e já se habituou a viver aqui; o Aníbal qualquer dia também será pai...”. Depreende-se que os indígenas ficaram agradecidos pela dádiva do machado que lhes permitirá mudar seus retrógrados costumes de abater árvores¹¹².

Que o caso de Aritana e Bomvento tenha sido fadado ao fracasso não apresenta qualquer novidade naquilo que são as influências das literaturas e

¹¹¹ FREYRE, Gilberto. 1961, p.32.

¹¹² “Aquele machado vai dar um jeitão aos índios (...) eles escavam o chão à volta das raízes e lançam-lhes fogo. Agora vai ser mais fácil” RUY, José. 1991, p.44.



imaginários coloniais entre um branco europeu e uma nativa ^{113,114}. Não obstante, o que pode resultar intrigante depois de finalizados estes desencontros é o motivo pelo qual os índios de Tanapú criados por Ruy optarem por deter os “irmãos” portugueses na sua tribo fazendo com que estes se sentissem presos e com necessidade de satisfazer os seus captores e engendrar esquemas para alcançar a sua liberdade. Do que nos foi mostrado isso nunca foi objeto de discussão entre os indígenas, nem por eles assim sentenciado.

Estes cenários inserem-se num dos âmbitos da anticonquista abordados por Pratt, mais especificamente, a mística da reciprocidade¹¹⁵. Os Europeus são retidos pelos nativos para suprir as suas carências e, em contrapartida, podem ser tratados pela comunidade. O enredo é concebido para demonstrar a condição de vulnerabilidade dos “convidados” perante os anfitriões e que é a partir da satisfação das necessidades que o salvo-conduto é concedido. Até que essa satisfação seja lograda, resta aos Europeus aguentar os inconvenientes desse cativo. Mais ainda, como frisou Pratt, as trocas entre ambos nunca iniciam o seu caráter lucrativo, mas sim “as mercadorias europeias produzem trocas simbólicas e de subsistência”¹¹⁶.

O que o contacto com os “índios” de Ruy pressupõe é a entrada num labirinto de problemas e mal-entendidos provocados pelas suas mentes confusas que, face ao seu atraso, necessitam de retirar dos portugueses alguma espécie de vantagem. Quem cai na teia indígena não logrará sair até que consiga satisfazer a cobiça do chefe. Para libertar três portugueses bastou um machado. Ataíde, como desembarcou sem bens materiais valiosos, pagaria com o seu corpo unindo-se a

¹¹³ PRATT, Mary. 2008, p.84-100

¹¹⁴ Aritana que desejava casar com Bomvento, vai ser lembrada no regresso a Portugal por Bomvento aliviado de ter deixado longe “noivas difíceis de conseguir”. Como referido por Jáuregui, a “índia” que resiste é sujeita a tortura, a que se oferece provoca pavor. JÁUREGUI, Carlos. 2008, p.57.

¹¹⁵ Analisando Mungo Park, Pratt expõe que as negociações que o europeu faz com os líderes locais demonstram a utilidade dos bens Europeus para assegurar a sobrevivência e o salvo-conduto de um branco retido entre comunidades nativas. A narrativa é movida pela busca de um equilíbrio entre a ganância material dos líderes e a finitude dos bens europeus de Park. PRATT, Mary. 2008, p.78.

¹¹⁶ “European commodities produce symbolic exchange and subsistence”. PRATT, Mary. 2008, p.79.



uma “índia”, gestando novos membros para a tribo. Aníbal ficaria retido pelo mesmo motivo.

O anedótico deste, como de outros livros de Ruy, é a facilidade com que se revertem os papéis de um colonizador invasor, genocida, agitador das relações geopolíticas do continente¹¹⁷, dependente do escravismo parasita imposto aos indígenas e aos africanos para tirar proveito do colonialismo extrativista¹¹⁸, numa vítima desses povos nessas terras que pretendia dominar. E autores brasileiros que Ruy consultou são bastante explícitos sobre a natureza desse empreendimento, como Sílvio Coelho dos Santos¹¹⁹.

A partir desta obra, que tenta, embora falhe, veicular aos seus leitores “verdades históricas”, seria difícil compreender como é que, como referiu Laurentino Gomes, “a escravização dos índios começou imediatamente após a chegada dos portugueses (...) capturavam-se índios de norte a sul do Brasil (...) ou que a “compra e venda de cativos indígenas foram a primeira grande atividade” de muitos dos aglomerados populacionais afetos ao Império¹²⁰, e que levaram à fuga dos Guaranis para a região do Paraguai¹²¹. Deixar estes temas à porta quando se tem de abordar o colonialismo português é a condição *sine qua non* de qualquer engrenagem luso-tropicalista¹²², e que Ruy replica nas suas obras.

Em suma, depreendem-se simples raciocínios que o artista português se esforçou por veicular: que o pau não foi roubado, somente transportado para o “Velho Continente”. Os “índios” não foram por “nós” escravizados (não faz falta mencionar que se criaram leis explicitamente com esse propósito¹²³). Eles ficaram entretidos com o machado, o “nosso” presente da Civilização, que os ajudará a livrarem-se das suas práticas retrógradas e a desmatar com mais facilidade.

¹¹⁷ MONTEIRO, John. **Negros da Terra**, São Paulo, Companhia das Letras, 1994(2), p.17-19, 29-36.

¹¹⁸ MONTEIRO, John. 1994, p.105-107 & SCHWARTZ, Stuart. **Escravos, Roceiros e Rebeldes** (SIMÕES, Jussara (trad.)). São Paulo: EDUSC, 2001, p.38, 93 & MONTEIRO, John. 1994(2), p.30-31.

¹¹⁹ SANTOS, Sílvio. 1973, p. 39.

¹²⁰ GOMES, Laurentino. 2021, p. 104&108.

¹²¹ CROSBY, Alfred. 2004, p. 152.

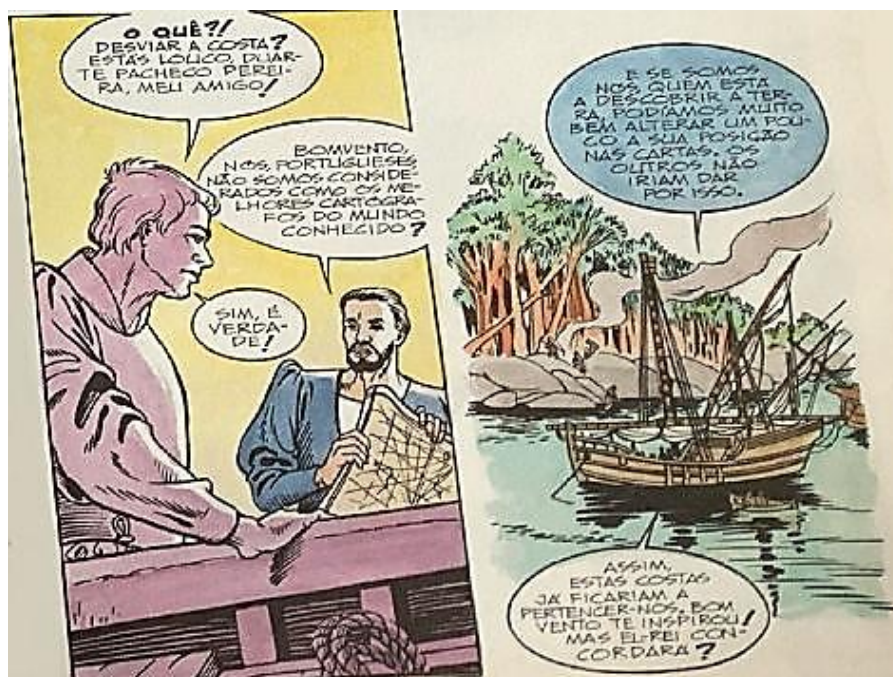
¹²² FREYRE, Gilberto. 1961, p.34, 51-61, 97-98.

¹²³ MONTEIRO, John. 1994(2), p. 33&231.



Ademais, “oferecemos-lhes” uma vantagem bélica sobre os seus rivais índios canibalescos. Em contrapartida, nada “nos” ensinaram de superior, apenas algumas curiosidades. O escambo não existiu¹²⁴. Os indígenas são gente sem lei e a terra é de ninguém. Como ficou bem demarcado no princípio do livro, são “Terras do Pau Brasil”. Como representará Ruy a tomada desta terra por tais agentes pacifistas? Voltando-se para o plano cartográfico, onde os seres humanos são invisíveis e onde existem fronteiras que se preenchem com as cores de determinada bandeira. Abstração que mexe com o apetite geográfico de quem delimita de acordo com os seus propósitos e que pouco esforço é requerido para pensar em impactos ou consequências.

Imagem 4 – A terra pertence a quem a descobre



Fonte: José Ruy, *Bomvento no Brasil*, Edições ASA, 1991, p.47

As racionalizações imperialistas, como diz Byrd, costumam ser acompanhadas de “discursos de selvajaria, indianidade, descoberta e mapeamento que serviram para cartografar um mundo para o domínio europeu, transformando os povos indígenas em habitantes *homo nullius* de terras

¹²⁴ Veja-se outro pormenor que Ruy ignorou, como a dependência dos portugueses em relação aos indígenas para produção de géneros alimentícios em MONTEIRO, John. 1994(2), p.31-32.



esvaziadas e que aguardavam a sua chegada”¹²⁵. Por demasiado tempo, as “descobertas” têm sido matéria-prima para a produção de orgulhos nacionais. Ruy coloca ênfase no sujeito que descobre o objeto, estando esse pedaço de terra e esses indivíduos predispostos a receber o seu Messias¹²⁶. O agradecimento afigura-se eterno, as vênias dos Outros são esperadas. Porém, a racionalização deveria ser invertida. Foi o objeto que descobriu o sujeito, como referiu Jean Baudrillard¹²⁷. Senão, vejamos: quem são estes “outros” que, na mente de Pacheco Pereira, representariam entrave às reivindicações portuguesas sobre aquelas terras enquanto se divertia com os seus desenhos? A última página do livro terá a resposta dada pelo narrador: “fez-se uma hábil falsificação cartográfica, (...) conseguimos, assim, nós, portugueses ocultar *dos espanhóis* as terras situadas no Atlântico Sul, na zona que o Tratado de Tordesilhas tinha atribuído a Espanha”.¹²⁸

Descobriu-se que os portugueses não descobriram os indígenas. As aspirações deles ao seu local de pertença, ao controlo dos seus recursos e das suas sociedades são divorciadas da história que, segundo nos oferece Ruy, parece estar prestes a começar. E os indígenas nunca esqueceram (nem podem esquecer) quem foram e quem são os brancos. É a *eterna desforra dos povos-espelho* do colonizador.

Ruy termina esta obra optando pela exaltação de um clichê triunfalista, que pretende envolver o seu público-alvo numa espécie de paixão coletiva em torno do admirável legado histórico-aventureiro deixado pelos antepassados da “nossa” pátria. Este é mais um exemplo de que quando este pronome pessoal do plural é invocado de forma saudosista, haverá que saber onde se situa a porta de saída.

Considerações finais

¹²⁵ “[a]t its center were discourses of savagery, Indianness, discovery, and mapping that served to survey a world into European possession by transforming indigenous people into the homo nullius inhabitants of lands emptied and awaiting arrival”. BYRD, Jodi. 2011, p.xxi.

¹²⁶ FREYRE, Gilberto. 1961, p.14-18.

¹²⁷ BAUDRILLARD, Jean. 1996. **The Perfect Crime** (TURNER, Chris (trad.)). New York: Verso, p. 55.

¹²⁸ RUY, José. 1991, p.48. (*grifo meu*)



Tendo este estudo recorrido a uma abordagem proveniente dos Estudos Culturais, buscando na interdisciplinaridade um entendimento da produção de conhecimento e o posicionamento político que tornou possível o aparecimento de um determinado objeto cultural (neste caso, obra de quadrinhos) recorreu-se às contribuições de historiadores, antropólogos, filósofos, de investigadores dedicados ao pós-colonialismo, estudos indígenas, bem como de teóricos especializados na produção e arte de quadrinhos. Como tal, e como supramencionado, partiu-se do princípio que o conhecimento criado não é objetivo ou sequer neutral, mas sim motivado, ou como disse Barker “do lugar a partir do qual cada um fala, para quem fala e com que objetivos fala”¹²⁹. A colonialidade não terminou com a saída dos colonizadores e apesar da História nunca estar acabada, as ideologias hegemónicas como o Luso-Tropicalismo perpetuaram-se mesmo depois da queda do regime salazarista, sendo a série *Bomvento* de Ruy um exemplo entre muitos. *Bomvento* continua presente nas bibliotecas municipais, nas salas de leitura de escolas do ensino primário e médio, e Ruy é considerado uma referência pelos órgãos do Estado, como o Ministério da Educação. Algo que se pode comprovar pelas recomendações que acolhe nas listas anuais do Plano Nacional de Leitura¹³⁰.

Em *Bomvento no Brasil* assistiu-se ao tratamento homogéneo do Outro debaixo do tropo “índio(s)”, uma gente de costumes inusitados, abrangendo rituais e crenças de vários povos, desde a Amazónia até uma tribo extinta do Río de la Plata, mas que Ruy não considerou problemático pois todos eles podiam pertencer a uma só tribo chamada “Xingu”. Além do facto de a “aldeia” da tribo não ter nome, os “índios” de Ruy exibem interesse pela carniçaria proveniente das batalhas com outros “índios”, pelo canibalismo e pelo cativo, inclusive de brancos. Conhecedor dos mecanismos de controlo usados pelos artistas de quadrinhos para cadenciar o ritmo de leitura e provocar suspense no(a) leitor(a), Ruy utilizou a inferioridade numérica dos portugueses para veicular a sua

¹²⁹ BARKER, Chris. 2008. **Cultural Studies: Theory and Practice**. London: SAGE, 2008, p. 27.

¹³⁰ Veja-se a recomendação do Plano Nacional de Leitura para 2024 onde se sugere a obra de Ruy (*A Passagem Impossível*) que retrata a estória de David Melgueiro, numa tentativa de provar que este foi o primeiro europeu a fazer a travessia da Passagem Nordeste, em vez de Adolf E. Nordenskiöld. Ruy parece, mais uma vez, tentar adicionar mais um feito à lista de proezas e suspeições recordadas por Freyre. Ver FREYRE, Gilberto. 1961, p.85.



vulnerabilidade e um hipotético cenário de perigo maquinado pelos “estranhos” indígenas. Contudo, todas as dificuldades foram resolvidas pelas qualidades inerentes dos portugueses (e que Freyre corroboraria): Ataíde e Aníbal, apesar de retidos na tribo aculturaram-se e assumiram a responsabilidade da miscigenação¹³¹. Apesar de sofrerem ataques ou contrariedades, a neutralidade, a recusa ao uso da violência e a diplomacia fizeram parte do código de conduta dos portugueses nos Trópicos¹³². Quando Bomvento e restante tripulação quiseram abandonar a tribo e voltar a Portugal, os portugueses, como portadores da Civilização e astutos comerciantes que conheciam as carências do Outro, presentearam de bom grado as vantagens tecnológicas da Europa satisfazendo as necessidades materiais dos “índios”¹³³.

Ruy deu a conhecer a sua afinidade, na qualidade de narrador, para com um dos grupos que concebeu para a sua estória, ora quando apelidou os costumes dos indígenas de “terríveis” e “macabros”, ora quando declarou que quem tinha o direito à posse da terra era quem a descobria. O seu auto-proclamado “rigor histórico” pode ser entendido quando desvendado o seu propósito, ou seja, de afunilar os vários relatos da História ao serviço da velha ideologia Luso-Tropicalista. Uma análise cuidadosa das suas fontes bibliográficas, revelou a operação de seleção e deliberada exclusão de episódios inconvenientes ao enredo embelezado que procurou manter em prol da nação a que pertencia. Assim, a escravidão africana (um pilar impulsionador da expansão marítima), os conflitos bélicos entre portugueses e indígenas, a necessidade do trabalho indígena para o projeto colonizador, a imposição do Catolicismo ao sistema de crenças nativo, foram episódios com os quais Ruy necessitou de erguer uma cerca narratológica. O resultado desse contorcionismo traduziu-se no silenciamento das histórias dos povos envolvidos e a imunidade da memória coletiva do seu público-alvo: o português.

¹³¹ Ver FREYRE, Gilberto. 1961, p.34, 50-53,73.

¹³² Ver FREYRE, Gilberto. 1961, p.56&90.

¹³³ Ver FREYRE, Gilberto. 1961, p.59&98.



Data de submissão: 09/03/2024

Data de aceite: 17/12/2024

Referências

AGOSTINHO, Pedro. **Mitos e outras narrativas Kamayurá**. Salvador: EDUFBA, 2009.

ALDAMA, Frederick. "Unmasking Whiteness: Re-Spacing the Speculative in Superhero Comics". In: GUYNES, Sean; LUND, Martin (ed.). **Unstable Masks**. Columbus: Ohio State University Press. p. xi-xvi, 2020.

ALENCAR, José. **Ubirajara**. Rio de Janeiro: B.L. Garnier, 1874.

ALMEIDA, Miguel Vale. "Crioulização e Fantasmagoria". **Anuário Antropológico**. v.30, n.1, p.33-49, 2005.

ANÓNIMO. "Naufragio do Galeão Grande S. João". In BRITO, Bernardo. **Historia Tragico-Maritima**. Lisboa: Officina da Congregação do Oratorio. p. 5-38, 1735.

BARBOUR, Chad. **From Daniel Boone to Captain America**. Jackson: University Press of Mississippi, 2016.

BARKER, Chris. 2008. **Cultural Studies: Theory and Practice**. London: SAGE, 2008.

BARREIRA, Aníbal; BOTELHO, Elisabete; MOREIRA, Mendes; COSTA, Teresa. **Rumos 5: História e Geografia de Portugal**. Edições ASA, 2016.

BAUDRILLARD, Jean. 1996. **The Perfect Crime** (TURNER, Chris (trad.)). New York: Verso.

BERLATSKY, Eric; DAGBOVIE-MULLINS, Sika. "The Whiteness of the Whale and the Darkness of the Dinosaur". In GUYNES, Sean ; LUND, Martin. (eds.). **Unstable Masks**. Columbus: Ohio State University Press, p.38-56, 2020.

BROWN, Jeffrey. "The Dark Knight: Whiteness, Appropriation, Colonization, and Batman in the New 52 Era". In GUYNES, Sean; LUND, Martin (eds.). **Unstable Masks**. Columbus: Ohio State University Press, p. 242-257, 2020

BYRD, Jodi. **Transit of Empire**, Minneapolis: University of Minnesota Press, 2011.

CALDEIRA, António. "Da costa ocidental africana a Lisboa: o comércio de escravos nos séculos XV e XVI". **Rossio Revista de Estudos de Lisboa**, v. 7, p. 63-79, 2016.

CARNES, Jeremy. "The Original Enchantment": Whiteness, Indigeneity, and Representational Logics in The New Mutants. In: GUYNES, Sean; LUND, Martin (ed.). **Unstable Masks**. Columbus: Ohio State University Press, p.57-71, 2020.



CHOMSKY, Noam; VLTCHEK, Andre. **On Western Terrorism**. London: Pluto Press, 2017.

CROSBY, Alfred. **Ecological Imperialism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CUNHA, Manuela. “Imagens de Índios do Brasil: o século XVI”. **Estudos Avançados**, v.4, n.10, p. 91-110, 1990

DALMADA, Francisco. **Tratado do Svcesso qve teve a Nao S. Joam Baptista**. Lisboa: Pedro Craesbec Impressor. 1625.

DEUS, António. **Os Comics em Portugal**. Lisboa: Cotovia e Bedeteca de Lisboa, 1997.

EISNER, Will. **Quadrinhos e Arte Sequencial** (BORGES, Luís (trad.)). São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FAUSTO, Carlos. “Fragmentos de História e Cultura Tupinambá: da etnologia como instrumento crítico de conhecimento etno-histórico”. In CUNHA, Manuela. **História dos Índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras. p. 381-396. 1998.

FERNANDES, Florestan. “A função social da guerra na sociedade tupinambá” **Revista do Museu Paulista**. São Paulo: Nova Série. p. 7-425, 1952.

FREYRE, Gilberto. **O Luso e o Trópico**. Lisboa: Comissão Executiva das Comemorações do Quinto Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1961.

GOMES, Laurentino. **Escravidão**. Porto: Porto Editora, 2021.

ISAAC, Paulo; BAKOROKARW, Benedito. "Religião, Educação Tradicional Boé-Bororo e Educação Escolar Indígena - Análise a partir do Método de Transparência". **História Revista**, v.26, n.2, p. 300-321. 2021.

JÁUREGUI, Carlos. **Canibalia**. Madrid: Iberoamericana, 2008.

KOPENAWA, Davi; ALBERTO, Bruce. **A queda do céu**. PERRONE-MOISÉS, Beatriz (trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LÉRY, Jean. **Viagem à Terra do Brasil**. (MILLIET, Sérgio (trad.)). Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1578 [1961].

LIPSCHUTZ, Alejandro. **El problema racial en la conquista de América**. Santiago de Chile: Editorial Andres Bello, 1967.

McCLOUD, Scott. **Understanding Comics**. New York: Harper Collins. 1994.

McCLOUD, Scott. **Reinventing Comics**. New York: Harper Collins, 2000.

McCLOUD, Scott. **Hacer Cómic** (GARCÍA, Santiago (trad.)). Bilbao: Astiberri, 2018.



MEHINAKU, Mutua. **Tetsualü: pluralismo de línguas e pessoas no Alto Xingu**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

MÉTRAUX, Alfred. **A Religião dos Tupinambás e as suas Relações com a das demais Tribos Tupi-Guaranis** (PINTO, Estêvão (trad.)). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1979.

MILLER, Robert; D'ANGELIS, Micheline. "Brazil, Indigenous People and the International Law of Discovery". **Brooklyn Journal of International Law**. v.37, n.1, p. 1-61, 2011.

MINDLIN, Betty. "O fogo e as chamas dos mitos". **Estudos Avançados**, v.16, n.44, p. 149-169. 2002.

MONTAIGNE, Michel. "Dos Canibais" **Ensaio**. (MILLIET, Sérgio, trad.). São Paulo: Nova Cultural, p. 192-203, 1580 [2000].

MONTEIRO, John. "O Escravo Índio, Esse Desconhecido". In GRUPIONI, Luís. **Índios no Brasil**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, p.105-120, 1994.

MONTEIRO, John. **Negros da Terra**, São Paulo, Companhia das Letras, 1994(2)

MORETON-ROBINSON, Aileen. **The White Possessive**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2015.

NETO, Sérgio; SERRANO, Clara. "Identidade e Alteridade: imagens e representações nos materiais didáticos de História nos países de língua portuguesa". **Práticas da História**. n.17, p.7-15, 2023.

NOVAES, Sylvia. **Mulheres Homens e Heróis**. São Paulo: FFLCH/USP, 1986.

OLIVEIRA, Eloir. **O Jorubo e o Meriri Ikureu Oiagodu Rogu**. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

OYOLA, Osvaldo. "Marked for Failure: Whiteness, Innocence and Power in Defining Captain America". In: GUYNES, Sean; LUND, Martin (ed.). **Unstable Masks**. Columbus: Ohio State University Press. p.19-37, 2020.

PEREIRA, Duarte. "Principio do Primeyro Liuro & particular decraçam dalguns ciiculos superiores & assento da terra". In BASTO, Raphael (ed.). **Esmeraldo de Situ Orbis**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1892a.

PEREIRA, Rafael. **Caravelas de Saberes**. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

PIÇARRA, Maria. **Vento Leste: «Luso-Orientalismo(s)» nos Filmes da Ditadura**. Lisboa: Tinta da China, 2023.



PICKERING, Michael. "Engaging with History". In PICKERING, Michael (ed.). **Research Methods for Cultural Studies**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2008.

PINTO, Bento. "Naufragio da Nao S. Bento". In BRITO, Bernardo. **Historia Tragico-Maritima**. Lisboa: Officina da Congregação do Oratorio. p. 41-168, 1735.

POLITIS, Gustavo. "Las implicaciones arqueológicas del Diario de Pero Lopes de Sousa (1531) durante su viaje al Río de la Plata y al Delta Inferior del rio Paraná". **Revista Del Museo de Antropologia**, v.7, n.2, p. 317-326, 2014

RABASA, José. **De la invención de América**. MAZZUCHELLI, Aldo (trad.). Ciudad de Mexico: Universidad Iberoamericana, 2009.

RAMOS, Ivana. **Ubirajara: Ficção e Fricções Alencarianas**. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

RUY, José. **Bomvento no Castelo da Mina**. Rio Tinto: Edições Asa, 1988.

RUY, José. **História de Macau**. Rio Tinto: Edições Asa, 1989.

RUY, José. **Bomvento no Brasil**. Rio Tinto: Edições Asa, 1991.

RUY, José. **A Casa e o Infante**. Rio Tinto: Edições Asa, 1996.

SANTOS, João. "Duarte Pacheco Pereira Descobridor do Brasil? Uma Outra Leitura do 'Esmeraldo de Situ Orbis'". **Revista Portuguesa de História**, v.50, p.265-272, 2019.

SCHWARTZ, Stuart. **Escravos, Roceiros e Rebeldes** (SIMÕES, Jussara (trad.)). São Paulo: EDUSC, 2001.

SOUSA, Pêro. **Diario da Navegação da Armada que foi à Terra do Brasil**. VARNHAGEN, Francisco (ed.) Lisboa: Typographia Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, 1839.

VASCONCELLOS, Simão. **Chronica da Companhia de Jesu do Estado do Brasil**. Lisboa: Panorama. 1865.

VIERTLER, Renate. "A Formação da Sociedade Bororo: Mitologia e Considerações Etno-Históricas". **Revista de Antropologia**, v.29, p. 1-38, 1986.

WYSOCKI, Lydia. "Hate, Marginalization, and Tramp-Bashing". In: GIDDENS, Thomas (ed.). **Critical Directions in Comics Studies**. Jackson: University Press of Mississippi, p.134-155, 2020.

